WWF

FACTSHEET

2020

BR

ARARA-CANINDÉ ENCONTRADA NO PARQUE NACIONAL DO JURUENA, BRASIL. © WWF-BRAZIL / ZIG KOCH

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL

Como gerir e maximizar os benefícios dessas áreas?

A consolidação de uma unidade de conservação significa dotá-la dos instrumentos necessários à sua gestão e garantir a realização das atividades que assegurem o alcance de seus objetivos

Se é imperativo criar áreas protegidas, assegurar que sejam efetivamente implantadas e geridas é um desafio que vem sendo enfrentado pelo poder público e por muitas organizações que colaboram na gestão e realizam projetos em unidades de conservação. Uma das ações mais importantes no Brasil nesse sentido é o Programa Arpa – Áreas Protegidas da Amazônia –, a maior iniciativa de conservação de florestas tropicais do mundo.

Lançado pelo governo brasileiro e coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente, é gerido financeiramente pelo Funbio – Fundo Brasileiro para a Biodiversidade, uma associação civil sem fins lucrativos, a partir de doadores internacionais e nacionais. Foi responsável, somente entre 2005 e 2015, pela criação de 276 mil km^2 de unidades de conservação e o apoio à consolidação de 590 mil km^2.

A consolidação de uma UC significa dotá-la dos instrumentos necessários à sua gestão (plano de manejo, conselho, plano de proteção, infraestrutura – equipamentos e instalações, sistema de monitoramento) e garantir a realização das atividades que assegurem o alcance dos objetivos de cada UC (monitoramento, funcionamento do conselho gestor, fiscalização, levantamento fundiário, pesquisas e inventários).

Gestão e programas em unidades de conservação

Um estudo do WWF-Brasil, *O Impacto do Programa Arpa na Efetividade de Gestão das Unidades de Conservação da Amazônia*, de 2017, mostrou que o financiamento contínuo e de longo prazo, como é o caso do Arpa, foi fundamental para aumentar a consolidação das UC apoiadas pelo programa.

O Brasil conta com **inúmeros bons exemplos de gestão e programas** em unidades de conservação, beneficiando a biodiversidade e a população brasileiras, com resultados concretos da capacidade do país de manter e implementar suas áreas protegidas:

Gestão integrada de áreas protegidas

Projeto do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) reuniu lideranças indígenas e extrativistas do sul do Amazonas para desenvolver um plano de gestão integrada de áreas protegidas, envolvendo as reservas extrativistas Médio Purus e Ituxi, florestas nacionais Humaitá e Purus e terras indígenas.

O processo contribuiu para o fim dos conflitos entre extrativistas e indígenas na região e para melhor gestão territorial. A atuação das instituições passou a considerar a região como um mosaico não oficial de áreas protegidas, com ampla participação dos parceiros extrativistas e indígenas.

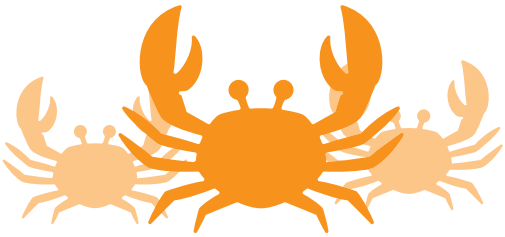
Viabilização econômica e socioambiental de florestas nacionais

Localizadas na região noroeste do Rio Grande do Sul, próximas a roteiros turísticos consolidados, as florestas nacionais de Canela e São Francisco de Paula não costumam fazer parte da programação dos turistas. Um projeto do ICMBio avaliou o potencial das duas unidades de conservação para o estabelecimento de parcerias para atividades como recreação, alimentação, hospedagem e educação.

Os resultados confirmaram a viabilidade socioeconômica, ambiental e cultural das duas florestas nacionais no contexto de Parcerias Ambientais Público-Privadas (RAPP) e identificou os principais atores locais que já atuam no mercado de ecoturismo na região e demonstraram interesse em potenciais parcerias.

Sensibilização e fiscalização recuperam manguezais

Construção civil, lenha destinada a olarias e implantação de curral (tipo de pesca artesanal) trouxeram degradação para o manguezal da Área de Proteção Ambiental Guapimirim, na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. A partir da criação da unidade de conservação, em 1984, trabalhos de sensibilização ambiental e posteriormente de fiscalização foram eficazes na recuperação de vários fragmentos. Em outras áreas, termos de ajustamento de conduta propiciaram a recuperação.



Aproximadamente 100 hectares de áreas degradadas de mangue foram recuperados, com registro de reocupação da fauna local. Catadores de caranguejo do entorno não precisam mais viajar para outros estados brasileiros em busca de manguezais nos quais possam trabalhar.

Mobilização de ciclistas e caminhantes triplica visitação em UC

O projeto A Floresta é Nossa, realizado pela Florestal Nacional de Brasília, na região de Taguatinga/DF, promoveu o envolvimento do público em ações capazes de melhorar a experiência de visitação na área protegida. Com isso, houve uma mobilização dos ciclistas, que se apropriaram da UC, respondendo ao movimento que partiu da equipe gestora.

As ações foram decididas em conjunto e os ciclistas entraram com mão-de-obra e investimentos. Sete trilhas para ciclistas foram sinalizadas para diversos perfis, com melhoria de duas pontes. Além disso, foram criadas trilhas para caminhadas com diferentes níveis de dificuldade. O número de visitantes triplicou, passando de 11 mil, em 2014, para 33 mil, em 2017.

Formação de lideranças aproxima moradores da gestão da unidade

Localizada na região do Médio Rio Solimões, no Amazonas, a Floresta Nacional de Tefé tem 3.600 moradores, em aproximadamente 100 comunidades. A precariedade da educação era um tema recorrente e havia falta de participação dos moradores nas decisões, sobretudo os jovens e as mulheres. A partir de um projeto que contou com apoio do ICMBio, foram realizados cursos de educação ambiental e gestão participativa.

Os jovens líderes formados passaram a ter forte participação nas reuniões e maior senso de pertencimento ao lugar onde vivem. Demandaram cadeira no Conselho Consultivo da floresta nacional e no Conselho Municipal de Juventude, e buscaram melhorias na educação pública para as comunidades. Lideranças de mulheres também reivindicaram cadeira no Conselho Consultivo e são responsáveis pela criação e manutenção de cinco hortas agroecológicas.

Jovens desenvolvem Agenda 21

A Floresta Nacional do Assungui, no Panará, tem mais de 50% de sua área coberta por araucárias – uma espécie arbórea criticamente ameaçada de extinção. Um projeto do ICMBio e da Associação Miríade envolveu 42 jovens para desenvolver a Agenda 21 na região da Estrada do Cerne (PR-090), onde está a UC. O objetivo foi fortalecer o vínculo entre a comunidade e a Flona.

A iniciativa, além de resultar em documento de Agenda 21 com o tema Construindo uma estrada para um mundo melhor, *trouxe uma série de propostas para a região e um aumento da visibilidade da floresta nacional. Além disso, foi formada uma rede de interessados em apoiar a Flona do Assungui na área de visitação. Os jovens participaram de um curso de consultores de trilhas ecológicas e querem fomentar o uso público da UC.*

Manejo integrado do fogo reduz incêndios em UC federais

A implantação da técnica de manejo integrado do fogo pelo ICMBio, em parceria com diversas instituições e ONGs, permitiu a redução de 40% na área atingida por incêndios entre 2010 e 2016 em unidades de conservação federais. Entre as UC beneficiadas estão a Estação Ecológica da Serra Geral do Tocantins, a Reserva Extrativista Chapada Limpa e os parques nacionais da Chapada dos Veadeiros, do Itatiaia, Lagoa do Peixe, do Araguaia e da Serra da Canastra. A técnica busca o uso sustentável do fogo, seja para produção agrícola com as queimas controladas, seja para a conservação ambiental com as queimas prescritas em fitofisionomias savânicas, sob condições em que o fogo pode ser facilmente controlado.

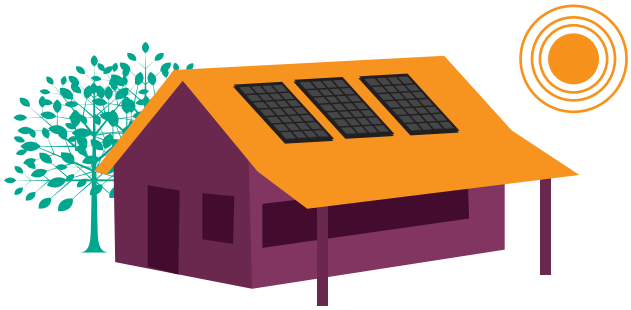
As queimadas prescritas estão resultando em um mosaico com vários regimes de fogo, com paisagens e ecossistemas diversificados em termos de estrutura e idade da vegetação. Além disso, há maior envolvimento de comunidades residentes e do entorno das UC, como indígenas e quilombolas, na gestão participativa das áreas protegidas e na valorização das práticas e conhecimentos tradicionais sobre o fogo.

Reservas extrativistas com energia solar

Energia limpa e acessível é uma das metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. No Brasil, a maioria das comunidades não ligadas à rede de distribuição de energia está na Amazônia. São milhares de brasileiros, ribeirinhos ou indígenas que sofrem com problemas econômicos e sociais provocados pela falta de eletricidade.

O Resex Solar é um projeto-piloto que, além de levar energia solar às comunidades de reservas extrativistas Ituxi e Médio Purus, no sul da Amazônia, também capacita tecnicamente os comunitários para que façam a manutenção dos equipamentos instalados. O projeto é desenvolvido pelo WWF-Brasil com o ICMBio e diversos parceiros.

Entre 2016 e 2018, o projeto implantou 20 sistemas solares, divididos em associações comunitárias, escolas e bombeamento de água, capacitando mais de 40 comunitários para a instalação e manutenção desses sistemas e para a produção de mandioca.



Ativo para o país

As unidades de conservação são um importante meio de impulsionar o crescimento do país. Se inseridas nos planejamentos setoriais, são um diferencial competitivo para dinamizar as economias locais, promovendo empregos, e garantir a sustentabilidade da produção agrícola e a qualidade de vida nas cidades.

Sobre o WWF-Brasil

O WWF-Brasil é uma organização não-governamental brasileira e sem fins lucrativos, que trabalha para mudar a atual trajetória de degradação ambiental e promover um futuro onde sociedade e natureza vivam em harmonia. Criada em 1996, atua em todo Brasil e integra a Rede WWF (Fundo Mundial para a Natureza).

APOIE NOSSO TRABALHO EM wwf.org.br/doe